

Editorial

A Revista Educação, v. 39, n. 3, set./dez. 2014, brinda seus leitores com um Dossiê sobre **Performance e Educação**, com seis artigos de pesquisadores nacionais e internacionais. Na **Demanda Contínua** as temáticas são diversas, mas trazem em comum a diversidade desafiadora da realidade dos dias atuais, na sociedade, na economia, na cultura, na escola e na formação de professores.

O dossiê Performance e Educação constitui-se de um conjunto de seis textos que tratam da temática e seus desdobramentos, visando dar visibilidade a temas pouco explorados no campo da pesquisa em Educação no Brasil. No mundo anglófono o tema é mais conhecido e desenvolvido em torno do que se convencionou chamar Estudos da Performance que agregam temáticas e abordagens de pesquisa tão distintas quanto são os campos de saber das Ciências Humanas e da Filosofia. As Artes, com efeito, têm papel preponderante nessa temática, embora não sejam o ambiente único do que se chama Performance. Os textos aqui apresentados problematizam peremptoriamente os elos entre a Performance e o campo da Educação, problematizando as principais questões que afligem a educação brasileira em suas distintas possibilidades.

Alargando a visão de Educação, a Performance torna-se potente para pensar a partir de outras ferramentas os objetos que coloca em questão. Assim, além de oferecer ferramentas próprias para a Educação, a Performance enseja um alargamento dos próprios limites do que se compreende como objeto de pesquisa.

O primeiro texto, **A Dialógica da Performance e da Pedagogia**, de autoria de Arthur Sabatini, discute a relação entre performance e pedagogia, problematizando os tipos de conhecimentos e formas de interpretação existentes e que estão sendo criados no contexto do ensino dos estudos da performance. Explora os conceitos e o léxico de Bakhtin como ferramentas metodológicas para a compreensão do ensino como performance. Nas palavras de Bakhtin: “eles são, por assim dizer, a substância e o estilo de uma determinada forma de praticar e pensar o ensino”.

O segundo texto, **A poética e a política da prática: experiência, incorporação e o compromisso da escolaridade**, de Michelle Kisliuk, apresenta um ensaio etnográfico que trata da relação entre poética e política na performance, partindo das artes ativistas tais como a música e a dança. O texto busca uma aproximação entre as práticas da música e da dança em uma comunidade africana, destacando os valores receptivos à alteridade. Explora a renovação do trabalho educativo, conferindo novos sentidos ao agir performativo.

Performance e Educação: configurações parateatrais da docência, de Marcelo de Andrade Pereira, é o terceiro artigo e discute a docência como performance parateatral. Tal reflexão tem seu aporte nos estudos da Performance e nas discussões contemporâneas da Educação, introduzindo conceitos como cotidiano, performatividade e prática docente. O autor problematiza a natureza e função do ato docente em sua teatralidade, destacando as figuras do clown, do bufão e do dândi como apoio para pensar as aproximações entre performance e teatralidade.

O quarto artigo, **Interfaces entre a Pedagogia do Teatro e os Estudos da Performance**, de Luciana Hartmann, propõe o debate sobre os possíveis pontos de contato entre a

nova terminologia utilizada nos processos de ensino-aprendizagem em teatro, a Pedagogia do Teatro, e os Estudos da Performance. Parte da análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN Arte I e II) e das perspectivas histórico-críticas trazidas por alguns dos principais pesquisadores brasileiros que tem se dedicado ao tema. Por fim, busca refletir acerca das contribuições que os Estudos da Performance podem trazer para o desenvolvimento do campo da Pedagogia do Teatro.

O quinto artigo **A Performance da Oralidade Docente**, de Gilberto Icle e Márcia Pessoa Dal Belo, apresenta a oralidade docente como performance, apoiando-se em diferentes autores para caracterizar o trabalho dos professores de teatro. Utiliza-se do trabalho de Stanislavski para exemplificar as situações entre ator e professor. Discutem a centralidade da oralidade como conteúdo e como método próprio do trabalho teatral, problematizando a oralidade do professor como instrumento por intermédio do qual ele poetiza sua própria voz, tornando-a veículo do trabalho pedagógico. Os autores defendem a possibilidade de pensar a tarefa pedagógica em teatro como ato de performance oral.

O sexto e último artigo do dossiê, **Tempo e performance no trabalho docente**, de Elaine Conte, trata da emergência de um tempo que é performativo, embora interaja com as dimensões humanas irrestritas ao aspecto formal do processo de formação (*Bildung*), revelando uma racionalidade instrumental que trata do passado como meio para legitimar o agir técnico do presente. O ensaio repensa, de um ponto de vista filosófico, o tempo próprio da formação docente, levando em consideração a performance como pressuposto inevitável à ação linguístico-expressiva no mundo. A autora discute ainda a necessidade de se pensar o tempo como inseparável de sua linguagem, na medida em que fornece novas possibilidades de abertura crítica e renovação do trabalho educativo, conferindo novos sentidos ao agir performativo.

Na **demanda contínua**, o artigo **Performance e Educação: uma função-educador agenciada por intervenções no urbano**, de Juliana Soares Bom Tempo, propõe a reflexão acerca da arte da performance e a educação como elementos de análise de práticas cotidianas. A autora utiliza-se de duas intervenções urbanas ocorridas em Campinas (SP, 2012) e São Paulo (SP, 2013), respectivamente, tomando-as como potências mobilizadoras do cotidiano como modos de vida pré-estabelecidos. Em suas palavras: “a educação e a performance possuem aproximações ao se configurarem como práticas de experimentações vinculadas ao tempo presente e ao inesperado que produzem variações em signos pré-definidos pela cultura”.

Resiliência educacional e construção do conhecimento, artigo de Carolina Silva Souza e Antonio Guerreiro, aborda a resiliência acadêmica, com ênfase na construção da comunicação matemática, em resultado dos processos de interação social entre alunos e professores. Trata-se de uma dinâmica educativa que resultou numa crescente valorização e reconhecimento dos conhecimentos matemáticos dos alunos, para possibilitar novas estratégias e formas de aprendizagem. Partindo dos relacionamentos interpessoais, da empatia, das competências sociais e do senso de pertença a um grupo na interface com a resiliência social e a emocional, os pesquisadores destacam a importância das experiências positivas ao gerarem sentimentos de autoeficácia, de autoestima e de sucesso acadêmico, ajudando alunos e professores a lidarem com as mudanças e com as adaptações à novas situações de aprendizagem.

O pesquisador Telmo Adams, em **Educação na economia solidária: desafios e perspectivas**, analisa a formação em economia solidária, tendo em vista o contexto de implementação de uma política pública nacional de educação, com seus desafios e perspectivas. Contextualizando a reestruturação produtiva do capitalismo e suas repercussões no mundo do trabalho, analisa potencialidades e limites sob o ponto de vista das reais mediações pedagógicas presentes nesses espaços de trabalho associado. Entre os desafios, destaque para a atuação no campo das ideias para reafirmar a centralidade do trabalho e discernir as características das alternativas da economia solidária em contraposição com a neoliberalização da solidariedade, bem como para afirmar uma prática social, ecológica, política e tecnológica que contribua para um novo modo de produzir e viver.

O artigo **Programas de formação inicial de professores: um estudo de caso sobre o Pibid no Distrito Federal**, de autoria de Daniel de Freitas Nunes, Lucas Lopes de Santana e Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva, apresenta resultados de um estudo exploratório sobre a base de dados do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) com vistas a verificar a aderência – e a natureza desta aderência – a este programa em cursos de licenciaturas das Instituições de Ensino Superior (IES) no Distrito Federal (DF). O objetivo é discutir a aderência das IES do DF ao Pibid a partir do cruzamento de informações da base de dados do programa e da educação superior. Discute-se, a partir dos resultados apresentados, que as instituições participantes do programa no DF possuem perfis heterogêneos tanto no que diz respeito aos cursos, quanto ao aproveitamento da cota de bolsas e aderência ao programa.

Educação do campo e juventude: problematizações a partir da conflitualidade, de autoria de Rafael Rossi, Maria Peregrina de Fatima Rotta Furlanetti, Cleiton Aparecido Ferraz e Elen Rosana Ferrato, problematiza a necessidade de discussão das conflitualidades da questão agrária junto à juventude do campo. Essa necessidade se justifica em razão de dois argumentos: o reconhecimento contínuo e coletivo da união e do princípio educativo na mobilização e resistência camponesa e, também, o ato permanente do pesquisador em conhecer a realidade camponesa num esforço em prol da efetiva pesquisa educacional do campo. Sendo assim, faz-se necessário entender o conceito de conflitualidade e de educação do campo enquanto prática intrínseca à pesquisa educacional no campo.

No artigo seguinte, **A participação das famílias como uma política educativa**, Simone Santos de Albuquerque apresenta parte da pesquisa intitulada *Das lógicas familiares às lógicas escolares: caminhos e perspectivas na educação das crianças*. O estudo, qualitativo de cunho etnográfico, procura apresentar um espaço de diálogo entre a escola e as famílias, causando uma “escuta” atenta, bem como uma oportunidade de discutir a pluralidade das lógicas e culturas das famílias e aprofundar o conhecimento sobre suas relações no contexto educativo. A pesquisa apontou a necessidade de compreender as estratégias de relacionamentos construídas pela escola, destacando como o confronto (THIN, 1998) entre as lógicas familiares e escolares, possibilitando a construção de estratégias de relacionamentos que qualifiquem a escola como lugar de acolhimento e educação das crianças.

Animalidade, Moral e Subjetivação: pelo reconhecimento da alteridade para além do outro-humano, texto de Rodrigo Avila Colla, discute a animalidade enquanto qualidade intrínseca do humano. Atenta para seu potencial como esfera formativa sensível e a defende como via para a criação de modos de subjetivação alternativos, também busca desvelar

certo condicionamento natural inerente às normas morais. Nietzsche (2005) e Schiller (2002) ajudam a situar a gênese da moral e as motivações que levam o humano à socialização. Guattari (1992; 2003) contribui para a fundamentação de um paradigma alternativo de subjetivação no que tange à animalidade; esse paradigma visa às vias de subjetivação heterogêneas e abertas à alteridade absoluta, esfera de infinitas alternativas subjetivantes. Por fim, sugere-se que a animalidade seja repensada como elemento de potenciação da sensibilidade na Educação.

Marco Antonio de Moraes, com o trabalho **A formação de licenciados em Ciências Agrícolas/agrárias: o conhecimento e suas conexões**, visa identificar os perfis de formação dos licenciados de Ciências Agrícolas/Agrárias e os objetivos dos cursos que formam estes profissionais no Brasil, cujos dados foram coletados através da Internet, no site do MEC e das Instituições de Ensino Superior. O perfil geralmente proposto na formação do professor em Ciências Agrícolas/Agrárias é amplo, com atuação em diferentes campos das Ciências Agrárias com finalidades econômicas, voltado às questões sócio-políticas e culturais, presentes no meio rural brasileiro. Percebe-se a intenção de formar licenciados que atendam aspectos ou demandas regionais e que estejam preparados para as questões da atualidade, destacando-se a preocupação com o desenvolvimento de algumas competências importantes na formação do profissional que irá atuar na educação escolar.

“Professora, vem ver! O Paulo vai ter neném!”: gênero, sexualidade e formação de professores/as, de Tiago Duque, é o artigo que fecha a presente edição da Revista. O texto discute diferentes experiências que revelam compreensões, dilemas e facilidades diante da questão de gênero e sexualidade na formação de professores/as. Priorizando uma perspectiva teórica pós-estruturalista, pensam-se as experiências vividas pelo autor referentes a relatos (seus contextos e significados) colhidos durante o seu trabalho como professor universitário, pesquisador no campo do gênero e da sexualidade e militante em prol da diversidade sexual. Com essas práticas educativas refletidas teoricamente conclui que um início possível para discutir formação de professores/as e questões de gênero e sexualidade é, a partir dos estranhamentos às transgressões nas salas de aula, deixar emergir a diferença e pensá-la criticamente em busca de experiências ainda não vividas, e não necessariamente em busca de um respeito à diversidade.

Ao encerrar este editorial, esperamos que as interlocuções dos/as autores/as com os/as leitores/as, por intermédio dos seus artigos, possam gerar reflexões que, pela fusão de diferentes horizontes e concepções, instiguem a todos e todas em suas teorias e práticas. Uma ótima leitura!

Marcelo de Andrade Pereira
Organizador do Dossiê

Celso Ilgo Henz
Doris Pires Vargas Bolzan
Editores